

OBRAS DE A. VEIGA DOS SANTOS

- Apêlo à mocidade. 1958.
Compreensão de Farias Brito. 1956.
Maurras — defensor da realidade. 1956.
Filosofia política de Sto. Tomás de Aquino. 1956.
História de hum amor fingido. 1956.
Organização monárquica do Estado, de Jacques Valdour (trad e anotações). 1956.
De Nóbrega e outros patricios. 1955.
O problema operário e a justiça social. 1953.
Sentimentos da Fé e do Império. 1952.
As doutrinas políticas de Farias Brito, por Francisco Elias de Tejada (trad.). 1952.
Orgânica Patrianovista (em colaboração). 1951.
Santa Maria Magdalena, de Lacordaire (trad.). 1948.
As raízes históricas do Patrianovismo. 1946.
Do governo dos príncipes e dos judeus, de Santo Tomás de Aquino. Tradução do latim e anotações. 2.ª edição. 1946.
O esperador de bondes. 1944.
A lírica de Luís Gama. 1944.
Brasileiros, às armas! 1943.
Écos do Redentor. 1942.
Incenso da minha miséria. 1941.
Evocando o passado (em colaboração). 1940.
Do governo dos príncipes e dos judeus. 1.ª edição. 1937.
Para a ordem nova. 1933.
Da floresta a Paris, de Mariá de Foz. Trad., 1933.
O Século (redacção principal). 1931-32.
Satanás. 1932.
Contra a corrente. 1931.
Pátria-Nova (direcção). 1929-33.
O Bibliófilo (direcção). 1927.
O bálsamo das dores, de Ângela Grassi. Trad., 1926.
O carnaval. 1925.
Amar... e amar depois. 1923.
Os filhos da cabana. 1921-23.
Etc.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

JERONYMO R MATTOB
TERESA M MALATIAN ROY

SOB O SIGNO DA FIDELIDADE

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

*Do inconquívulo patrianovista
Cap. Jeronymo*

*cordialmente
com um glória!*

Sej.

24.10.59

PÁTRIA-NOVA
Cidade de São Paulo

SOB O SIGNO DA FIDELIDADE

(Considerações Históricas)

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras de São Bento.

Chefe Geral Patrianovista

1. Príncipe sonhador e visionário, alma repleta de ânsias cáldas de conquistas remotas para Cristo e para a Coroa de Portugal, homem augusto e arguto, coração do Céu com os pés firmes nas realidades da terra, filho do Mestre de Aviz, Dom João I, herói lendário, sabedor da guerra e profuso ganhador das generosidades márcias, — debruçava-se sobre a ponta de São Vicente o Infante Dom Henrique, grão-mestre da Ordem de Cristo, sucessora portuguesa dos Cavaleiros do Templo.

Aquêle promontório apontava ousado para a África — convite aos nautas sonhadores — e, como em policromo e grandioso cosmorama, devassava o Mar Tenebroso das lendas tenebrosas e amedrontadoras. "Era como que o lugar fadado pela natureza para fazer esquecer aos seus habitantes a terra firme e a dirigir-lhes exclusivamente a atenção para a imensidade tentadora do oceano" (Mário de Vasconcelos e Sá, "A ciência náutica dos portugueses e espanhóis na época das descobertas", Lelo & Irmão Ltda., Pôrto, 1922).

As almas pequenas e mesquinhas o imenso, o infinito, o incomensurável aterroriza, deprime, abate; as almas grandes, entusiásticas e atrevidas, provoca-as, espicaça-as, esporeia-as, açula-as o imane agigantado das coisas, a vertigem das concepções, a perspectiva e expectativa dos assombros, do terrível, do insondável.

Assim, alma ardente de Cruzado medieval, cuja Jerusalém eram a Fé e o Império, arrebatou-o a visão do **Mare Oceanum** que o levaria talvez ao encontro do misterioso Preste João, o imperador-sacerdote da lenda, aliado possível da espada lusitana na luta à retaguarda da moirama islamita, ameaçadora da Cristandade, a prol da qual, feudo espontâneo da Santa Sé, iria logo a Lusitânia, pequenina ainda, meter lanças em África.

2. Com efeito, "... a ameaça otomana crescia de ano em ano. Em 1442 e 1445 o Papa Eugénio IV, sob a inspiração daquele pensamento, publicava duas encíclicas, chamando os cristãos uni-

TERESA M. MALATIAN ROY

ficados às armas contra os infiéis. Já antes, em 1443, pela segunda vez, e sob a mesma inspiração, lançara igualmente um apêlo a todos os príncipes da Cristandade para auxiliarem a empresa portuguesa contra os infiéis. Uma e outras foram letra morta. Então que o Infante Dom Henrique, apoiado pelo regente Dom Pedro, faz seu o plano difuso da Cristandade, resolve concentrar em si e em Portugal, para lhe dar realidade, um pensamento, que estêrilmente se dispersava através do tempo e do espaço: alcançar as fontes produtoras da riqueza e poderio muçulmanos — o ouro do Sudão e de Sofala e as especiarias do Oriente — para com elas e com o auxílio das cristandades orientais (que então se imaginavam poderosas) atacar o Islão e libertar Jerusalém e os cristãos do Levante" (Jaime Cortesão, "Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses", Seara Nova, Lisboa, 1940).

Como em luzido torneio dos velhos usos da cavalaria medieval, foi expugnada a vencida Ceuta, empório norte-africano dos mouros cabeça de ponte sobre a vanguarda do Islão.

Não bastaria para os soberbos planos dos novos cruzados a importantíssima vitória em terra firme, a dois passos da pequenina Casa Lusitana. Era mister galopar sobre os mares bravios, independentemente da visão próxima dos litorais.

E Sagres, somando experiências, engendrou o milagre técnico da caravela — núcleo da Cavalaria do mar alto, paladina do domínio do Mar Tenebroso até então indômito.

• • •

3. Ora! a que vem tudo isso? direis. Ouvi a palavra dos doutos:

"Preocupavam-se os velhos oceanógrafos com "essa terra misteriosa de prazer e festa contínua... diversamente descrita como a Terra da Promissão, a planície da Felicidade, a Terra dos vivos, a Terra dos Moços e a ilha de Breasail ou Hy-Breasail. A mitologia céltica canta as belezas e maravilhas desse país místico, cuja tradição nunca pereceu. Hy-Breasail figura repetidamente nos velhos mapas, até que alguns pioneiros dos mares hispânicos pensaram tê-la descoberto e intitularam a terra **Brasil**" (Oliveira Lima, "História da Civilização").

Mais:

"Na língua celta, a **TERRA REPROMISSIONIS SANCTORUM** das versões latinas da "Peregrinatio Sancti Brandani", se chama textualmente **HO BRASILE**, o que significa tão somente: **TERRA FELIZ, TERRA DA FELICIDADE, TERRA DA PROMISSÃO**. Essa terra ou ilha de nome **HO BRASILE** foi achada por **BRENNAM** ou **BRANDÃO**. Naturalmente, pois, **HO BRASILE DE BRENNAM** teria de ficar sendo para todos os efeitos — **O BRASIL DE BRANDÃO**.

"Não sabemos do que possa ser mais claro e mais lógico do que isso".

"Daí talvez aquêlo trecho que muitos autores e de péso consideram lendário ou fantasioso, porém outros citam como verdadeiro, da pretensa carta de Pedro Álvares Cabral a El-Rei Dom Manuel o Venturoso, que se afirma ter sido encontrada entre os papéis de Lord Stuart e em que o capitão-mor da Armada se refere à Terra Nova onde chantara a Cruz como aquela "que os antigos chamavam S. Brandam ou Brasil".

"... Com efeito, o nome BRASIL surge na cartografia muito anteriormente ao descobrimento da grande região sulamericana banhada pelo Atlântico. No seu livro "Études sur les rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb", Paulo Gaffarel declara que, nas cartas geográficas da Idade Média, aflora sempre no meio do oceano a ilha de BRAZIL, BERZIL ou BRASIL. Cita em apóio de sua asserção o portulano Medici, datado de 1351, e o Mapa Picignano, Pizignano ou Pzigani, datado de 1367, que consta da Biblioteca de Parma. I. **Brasil é a lição dêste**" (Gustavo Barroso, "O Brasil na lenda e na cartografia antiga". Cia. Editora Nacional, Brasileira, 1941).

4. Necessário não nos parece acentuar a importância simbólica infável de tal revelação. Por mais positivos que pretendam ser os homens do século presente (aliás já agora sem o feiticismo tolo da passada centúria), cerca-nos, atenaza-nos, maravilha-nos o mistério. Nunca mais profundamente tentaram os filósofos esquadrihar os mitos, as legendas, as mitologias cujas profundidades se revelam borbulhantes de inesperados sentidos que afinal se positivam. Brigam espantosamente em competições de mirificências as descobertas modernas no Macrocosmos e no Microcosmos físicos. A teoria vertiginosa da expansão do universo corresponde a complexidade dos átomos, legítimas constelações em miniatura.

Em face de tudo isso, a atitude do sábio autêntico é a humildade perante Deus criador, conservador e providência, e a expansão desassombrada e jubilosa dos salmos, em pálida imitação ao magno rei David.

5. Passaram-se os tempos em que se começava a estudar a História do Brasil a partir do descobrimento. Após bravíssimas justas e pelejas no campo da Ciência Histórica, hoje só se compreendem os nossos fastos com início no Condado Portucalense e Dom Afonso Henriques.

Não terá futuro o presente que nega o passado. Desprezar as tradições em nome do progresso não passa de ignorância e estupidez. Desonra é dos netos o desprezar os Avós. Não há Nação sem a solidariedade das gerações que se sucedem, pois Nação é tradição e legado. E um legado nunca é fóssil. Tradição é vida, é progresso. O pretenso progresso que renega a tradição é eterno recomeço, perpétua imperfeição. Progresso é acréscimo, não substituição. Sem a tradicional base estática não há o dina-

mesmo da propulsão para a frente. Por isso, podemos afirmar com Jaime Cortesão: — "O progresso duma nação está na actualização constante das suas tradições".

E isso nos sugere o tema da FIDELIDADE, fecunda Fidelidade.

6. Da dinastia de Borgonha (a nossa primeira dinastia), recebeu a de Aviz (Dom João I) o legado de uma Pátria definida cujos limites actuais nada diferem dos antigos, caso único na Europa e quiçá no mundo inteiro. Colhe o venturoso Dom Manuel I os produtos opimos dos esforços dos seus próximos antepassados, as mais selectas primícias da empresa apostolar do Infante de Sagres. Delimita Tordesilhas as duas zonas mundiais de influência hispânica. Abre-se a cortina do mundo das especiarias. Vislumbra Duarte Pacheco Pereira o Hi-Breasail dos celtas, conservado em segredo até a viagem cabralina que declara às potências cristãs o facto pre-conhecido dos portugueses. Nas caminhadas afoutas das caravelas e naus, não funcionava o cego acaso inventado pela ignorância dos documentos mas o "saber de experiência feito", senhor da rota do Atlântico Sul, na qual é escala obrigatória para além do mar de Sargaço a costa nordestina da Terra de Santa Cruz, nome acrescentado à lendária denominação supra-referida.

• • •

7. O Brasil, domínio da COROA PORTUGUESA e não de Portugal do qual jamais foi colónia mas Província Ultramarina (ESTADO DO BRASIL), mereceu sempre a atenção dos insignes monarcas; entre eles, porém, poucos se comparão aos dois preeminentes Joões: Dom João III e Dom João VI.

Temos naquele o incomparável REI POVOADOR, protótipo dos mais fervorosos reis missionários, reformador da Universidade de Coimbra, introdutor da Companhia de Jesus em Portugal, vindo a mesma, com sua protecção e à sua custa, trazer a Fé, a Cultura e a Civilização ao Brasil, terra bruta, povos atrasadíssimos, apenas matéria prima para a criação de uma Pátria Nova, confirmando o mito da terra Brasil de São Brandão, "Terra da Felicidade, Terra da Promissão", nova Canaã.

Após a infausta dispersão governativa das capitanias, inevitável à penúria do tesouro de El-Rei, manda-nos por seu directo e imediato lugar-tenente um Governador Geral, instituindo uma administração central, à qual dá Regimento correspondente ao que hoje se chamaria "constituição", porém muito superior a isso, por ser instrumento realista e plástico de governo, sem mimetismo de bárbaros, prevendo tôdas as liberdades e franquias municipais hoje

inexistentes. Traz a data de 17 de dezembro de 1548 e destarte prologa:

— Eu o Rei faço saber a vós Tomé de Sousa fidalgo de minha casa que, vendo Eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as capitanias e povoações das terras do Brasil e da ordem e maneira com que melhor e mais seguramente se possam ir povoando para exaltamento da nossa Santa Fé e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturais d'elles, ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar justiça e prover nas coisas que cumprirem a meu serviço e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes: e, por ser informado que a Baía de Todos os Santos é o lugar mais conveniente da costa do Brasil para se poder fazer a dita povoação e assento... hei por bem de vos enviar por governador às ditas terras do Brasil...

Trazia ministérios correspondentes aos actuais ministros da Justiça, da Fazenda e da Guerra-e-Marinha conjuntas.

Para expansão da Fé (com que vão necessariamente aliadas Cultura e Civilização), vinham seis jesuítas sob o comando do Padre Dr. Manuel da Nóbrega, sábio universitário. Com estes foi também instituído no Estado do Brasil o ensino público gratuito nos três graus: primário, secundário e superior.

Outros viriam depois, nas pègadas de Nóbrega, o Santo, o Mestre, o Estadista, para confirmar o trinómio da expansão lusiada: Igreja, Escola, Misericórdia.

8. E sabeis vós, meus conterrâneos ytuanos, sabeis quem é o Padre Santo Manuel da Nóbrega:

é o FUNDADOR DE MANIÇOBA, A PRIMEIRA YTU!

De MANIÇOBA, também chamada JAPIUBA, dá notícias Serafim Leite S:J. em sua monumental e preciosíssima "História da Companhia de Jesus no Brasil", sem cuja consulta se não poderá mais escrever a nossa História. Dela extraio alguns dados do 1.º volume: — "O P. Gregório Serrão, Mestre em Maniçoba, discípulo em S. Paulo, melhorou e viveu em Geribatiba". — "...Da povoação onde fêz os catecúmenos, seguiu Nóbrega adiante, até Maniçoba, com o Irmão António Rodrigues, e alguns Índios. Como "guia, e para autorizar os seus ministérios", levou o filho mais velho de João Ramalho". — "Continuando o caminho, Nóbrega foi encontrar-se com Pero Correia ao lugar de Maniçoba (ou Japiuba, como também lhe chama Vasconcelos), a 90 milhas dali, ou 35 léguas, no sertão, "junto de um rio donde embarcam para os Carijós", disseminados pelas margens do Paraná... Ora, constando aos Índios Guaranis que havia Padres em Maniçoba, começaram a afluir, acompanhados de Castelhanos". — "A 18 de julho de 1554, Pero Correia dá notícia do estado das duas

casas ou colégios incipientes: "Pela terra dentro algumas cinquenta léguas, ou mais, também já há princípio em outro lugar (Maniçoba) onde estão dois Padres e Irmãos e o Irmão Gregório Serrão com escola de gramática. E José (de Anchieta) também está com certos estudantes no outro lugar de que acima falei" (Piratiníng). — "O fim imediato da fundação de São Paulo foram os estudos. Houve-os também algum tempo em Maniçoba. Mas não passaram dos rudimentos e duraram pouco". — "De maneira que os núcleos jesuíticos, formados no Campo, durante a estada de Nóbrega na Capitania de São Vicente, foram por sua ordem: Piratiníng (agosto de 1553), MANIÇOBA (setembro), Geribatiba (junho de 1554?), Ibirapuera, pouco depois".

É só. Parece ter Nóbrega querido fincar pé em Maniçoba, como base de **expansão missionária** para o Paraguai. Dado que se firmasse a sua pretensão, a linha de Tordesilhas teria sido mais recuada para o ocidente do que foi...

Mais tarde haveria muitos contactos de gente vinda do Paraguai com a gente ytuaana. Interessante haveria de ser pesquisar sôbre o assunto em nossa história primeva.

• • •

9. Volvamos a El-Rei Dom João III, o Povoador.

Magnífico e inteligente mecenas, protegeu com largueza as artes e nomeadamente a Música, sem nos esquecermos da que era a menina dos seus olhos: a Fé, alma do Estado. Cantores, capelães-cantores, charameleiros e outros instrumentistas, músicos em geral, professores e compositores fruíram da sua constante generosidade. Donde o dizer o poeta seu contemporâneo Garcia de Resende:

— Musica vimos chegar / aa mais alta perfeiçam, / Sarzedo,
Fonte, cantar / Francisquillo assi juntar / tanger, cantar sem
rezam: / Arriaga que tanger! / ho cego que gram saber / nos
orgãos! & ho Vaena! / Badajos! outros que a pena / deixa
agora descrever.

Com os portugueses veio tóda a cultura.
E também veio a Música.

Veio para casar-se com a que já havia na opulência estonteadora e tirânica da natureza virgem da Pindorama dos brasílios. Música selvagem, bárbara e aterradora como a dos "verdes mares bravios" e dos ytus ou cachoeiras tonitruantes — Ytuguaçu, Paulo Afonso, Yguaçu ou Sete-Quedas; medonha como a dos jaguares e outras feras das selvas agrestes; esfusiente como os vendavais varejando pelas ramagens e comas selváticas; tremenda como o estrondo dos tupás fuzilantes que derruem os troncos hercúleos e briarécicos recobrinde rouquenho e formidando

os ruidos e farfalhos mansos das frondes; rebombantemente atroante tais os taquarais esguios metralhando espoucantes nas queimadas vorazes. Música suave e meliflua como o cantar dos descuidados sem-fins, dos pintassilgos, dos sabiás e curiós; música festiva, sinfonia majestosa como a das graúnas e dos bentevis; dramática como a dos tangarás; embaladora como o murmúrio marulhante das fontes e dos regatos serenos; música brejeira como a da saparia e das rãs coaxando e tintangalhando na pasma-ceira perigosa dos brejos; música monótona como a das cigarras, dos grilos e miríades de insectos variadíssimos estridulando, estrugindo, grazinando, zinindo, tilintando, chirrando, fretinando, quais instrumentos esquisitos de mil tons confusos.

Demais disso, possuíam os próprios bugres os seus maracás sagrados, tipos chocalhantes de instrumentos músicos, suas mimbis, seus tambores, etc., tocando por vèzes estranhamente pelo nariz.

10. Casou-se com a indígena e, logo em seguida, com a prodigiosa ritmia e musicalidade africana, rica de instrumentário, a lusitana que havia de amalgamar tôdas em uma só — índice da nossa cultura, a Cultura lusiada "ameaçada", como nos adverte Gilberto Freyre.

"Já no início da vida brasileira se principiou fazendo música nos núcleos principais da Colônia. O som foi sempre considerado elemento de edificação religiosa e, também aqui, nasceu misturado com religião. Os jesuitas ensinavam o canto religioso aos índios catequizados, e as festas da Igreja eram enfeitadas com cantigas. Simão de Vasconcelos afirma que o padre João Aspilcueta Navarro foi o primeiro a lecionar canto aos curumins brasileiros, bem como a "pôr em canto de órgão as cantigas dos índios que continham a doutrina cristã". O processo de cantar, ensinado pelos padres aos índios, era de preferência o antifônico, a dois coros. Também os adestravam em certos instrumentos como "charamelas, flautas, trombetas, baixões, cornetas e fagotes". O teatro logo se juntou a essas festas. Autos religiosos e morais, providos de cantoria, eram representados pelos índios e pelos padres, em palcos improvisados dentro ou junto das igrejas direitinho como nos milagres medievais. Desde 1553 se tem notícia de autos assim, escritos por Nóbrega, Anchieta, Manuel do Couto" (Mário de Andrade, "Pequena História da Música").

"A influência portuguesa foi a mais vasta de tôdas. Os portugueses fixaram o nosso tonalismo harmónico; nos deram a quadratura estrófica; provávelmente a síncope que nos encarregámos de desenvolver ao contacto da pererequite rítmica do africano; os instrumentos europeus, a guitarra (violão), a viola, o cavaquinho, a flauta, o oficleide, o piano, o grupo de arcos; um dilúvio de textos; formas poético-líricas, que-nem a Moda, o Acalanto, o Fado (inicialmente dançado); danças iberas que-nem o Fandango; danças-dramáticas que-nem os Reisados, a Chegança, que às vèzes são verdadeiros autos. Também de Portugal nos veio a origem primitiva da dança-dramática mais nacional, o Bumba-meu-Boi.

"E em várias cantigas populares tradicionais ou modernas do Brasil, até agora aparecem arabescos melódicos lusitanos, ora puros, ora deformados.

"O africano também tomou parte vasta na formação do canto popular brasileiro. Foi certamente ao contacto d'ele que a nossa ritmica alcançou a variedade que tem, uma das nossas riquezas musicais" (idem, ib.).

* * *

11. MANIÇOBA, a bela adormecida nos Campos de Pirapetingui ou Ytuguacu, despertou um dia ao apêlo gentil do novo príncipe encantado, emissário da celestial Senhora da Candelária, Domingos Fernandes, em 1610, 56 anos após ter sido fundada e abandonada em virtude de circunstâncias imperiosas.

Despertada, mudou de nome. Possui dois nomes usáveis, da mesma maneira que os tem usados o Brasil. Agora, Ytu e Maniçoba querem dizer a mesma coisa. Importa que os ytuanos não ignorem o facto. Nascemos para a História do Brasil, da Comunidade Lusiada e da Cristandade no mesmo ano que São Paulo de Piratininga. Juntamente vivemos a nossa grande Epopéia, na religião, no bandeirismo e na política. E sempre sob o signo da Fidelidade.

Diz-nos o laborioso e prestantíssimo Francisco Nárdy Filho, nosso conterrâneo, sem recurso do qual já se não pode falar sobre Ytu, o seguinte:

— "Em começo do ano de 1610 Domingos Fernandes e seu genro Cristóvão Dinis, deixando a vila de Parnaíba onde residiam com os seus, vão aos campos de Pirapetingui e no lugar denominado Ytuguacu, lugar assim denominado porque daí, partindo da estrada das monções, seguia o caminho dos índios que ia ao grande salto do antigo Anhembi, e aí, no entroncamento d'esses dois caminhos, levantam uma capela dedicada a Nossa Senhora da Candelária", capela essa que foi "a verdadeira origem da actual cidade de Ytu", no local da actual igreja do Senhor Bom Jesus.

12. E retornamos ao tema da Fidelidade.

Comentando Tomás de Aquino na discussão da virtude social da verdade, comunica-nos J. D. Folghera OP: "A fidelidade. Grande virtude por sem dúvida. Sto. Tomás a inclui na virtude da verdade, baseada como esta na honestidade entre os homens e, a tal título, obrigatória de direito natural, anteriormente a tôdas as obrigações legais ou civis que se lhe podem ajuntar. Consiste a fidelidade em manter o prometido. Há seguramente diferença entre dizer bem o que é ou mostrar-se bem a gente tal qual é, e manter bem o que se promete; a diferença, porém, só existe naturalmente, in genere naturae; moralmente é a mesma coisa, ejusdem rationis in genere moris. O cuidado é idêntico, de nos afirmarmos tais quais somos ou de sermos tais como nos afirmámos. Somos

verazes quando mantemos a palavra, mendazes se faltamos à palavra". *Somme Théologique, Les vertus sociales.*

Traçando o perfil-síntese de Nóbrega, egrégio fundador da PRIMEIRA YTU, sentenciava Serafim Leite: "Homem de fé (não apenas humana, mas religiosa), desde que pisou na Baía terras americanas o Jesuíta Fundador consubstanciou o seu pensamento neste dilema sintético, positivo e urgente: ou o Brasil se une e se evangeliza, ou não há Brasil. Por outros termos: é preciso que o Brasil se faça, isto é, que seja um país unido; é preciso que seja um país cristão".

Verdade é que, pela tragédia descristianizadora advinda desde a peste pombalina até hoje, se repõe o dilema em face de um Brasil cristão e nacionalmente desfibrado.

Não menos verdade é, todavia, que, como atendendo a seu primeiro fundador, a Segunda Ytu manifestou de contínuo a virtude da FIDELIDADE, aliás porfiando nisso com os outros Municípios da Província d'El-Rei Lusitano na América e, sobre porfiar com eles, lhes foi exemplo incomparável. Não penetrara ainda, fundamente pelo menos (e em Ytu de maneira alguma), a traição do iluminismo deísta, do jansenismo e do maçonismo internacional e anti-católico, que mais tarde haveria de destruir a cultura, a piedade, os conventos, as franquias localistas dos municípios, as genuínas instituições nacionais.

Fiel ao Altar e ao Trono, recebeu a nossa Terra, de Sua Majestade Imperial Dom Pedro I, o título glorioso, o maior de todos os títulos e condecorações, porque proclama as virtudes soberbas de uma Raça de cruzados: Cidade **FIDELÍSSIMA**. Anos depois o outro soberano, Dom Pedro II, escreveria a quadrinha célebre:

O gentil acolhimento
do fiel povo ytuano
gravado fica no peito
do seu grato soberano.

13. Admirável a Fidelidade Ytuana: à Fé, à Nação total da época portuguesa (sômente a traição das Côrtes de Lisboa a levaria ao rompimento); — à Pátria Brasileira e suas legítimas e tradicionais instituições (testemunho dos dois Pedros); à Cultura, Ciências e Artes. E, entre estas, especialmente à MÚSICA. (*)

Não de balde, começara Maniçoba com um Colégio tal qual Piratininga.

Recorramos a Nárdy Filho cantando com amor as glórias da nossa Terra:

"Nas belas-artes citemos um Miguelinho, um Venerando, um Eliseu, um Bernardino de Senne, que tanto se distinguiram como pintores, escultores, entalhadores e em outras diversas artes; e citemos mais um, que embora não ytuano de nascimento é glória

(*) V. nota, no fim do folheto.

de minha terra, e muito dela, Jesuíno de Monte Carmelo, distinto pintor e músico genial.

"Citarei ainda, embora seus nomes ainda sejam de ontem, um Elias Álvares Lobo, um José Ferraz de Almeida Júnior, duas mais lídimas glórias de minha terra, as quais, pelo seu gênio artístico, pelo seu valor, deixaram de ser glórias ytuanas e passaram a ser — glórias brasileiras, glórias desta grande e bela nação que elles souberam honrar e dignificar com os lampejos de seus gênios fulgurantes" (*A cidade de Ytu*, 1.º vol.).

Sôbre o citado Padre Jesuíno depõe com verdade outro escritor:

"Padre Jesuíno deixou então o escopro de escultor com que tinha feito as imagens precisas para o templo (do Patrocínio, por êle construído), o pincel com que tinha feito as pinturas e quadros, e o compasso do architecto, tomou a pena e escreveu tôdas as músicas necessárias para a festa da Senhora do Patrocínio.

"Este homem, que nunca tivera um mestre de música que lhe desse algumas lições de contraponto, escreveu as músicas para novenas, vésperas, matinas solenes, *Te-Deum laudamus*, *Pange lingua* e missa solene a dois coros, que foram executados nas grandes festas da inauguração, com aplausos dos melhores mestres de música da Capital, entre os quais figurava André da Silva Gomes, compositor muito estimado naquele tempo, professor público de latim e retórica, em São Paulo, e membro do Governo Provisório de 1821-22.

"Depois compôs tôdas as músicas precisas para as festas da Semana Santa, com matinas de quarta, quinta e sexta-feira, músicas que até hoje ainda são cantadas nessas festas" (Dr. Antônio Augusto da Fonseca, "Tipos Ytuanos", I. Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de SP, vol. I, 1895).

* * *

14. Sempre se revelou melômano, apaixonado por ouvir e fazer música o povo ytuano. Cantador e seresteiro impenitente. Nos belos e espaçosos salões das nossas casas antigas — lembranças de um Brasil soberano e relativamente mais rico do que hoje! — ressoavam harmoniosas e dúlcidas as vozes concertadas do piano grave, do plangente violino, da flauta soluçante ou da clarineta fogosa, de par com as modinhas e as declamações vívidas e entusiásticas das poesias em voga.

Trios, quartetos, quintetos, orquestrinhas e até duetos facilmente por todo o Município se formavam.

No 4.º volume da sua "A Cidade de Ytu", Nárdy Filho apresenta-nos a crônica rápida de quatro antigas bandas musicais: — a aristocrática FILOMELA, do maestro Elias Lobo; a plebéia, do maestro Macuco (rival da anterior); a BANDA DE MÚSICA DA ROÇA, do capitão Manuel Joaquim Rodrigues de Arruda, da fazenda "Apotribu", composta de filhos, parentes e vizinhos do capitão; finalmente, a BANDA DOS PRETOS, do maestro Silvério.

Terminando essas páginas "filomélicas", "Segundo contam as crônicas, — informa-nos o historiador patricio — a primeira banda de música que houve nestas terras de Santa Cruz, foi a de Baltasar de Aragão, lá na Baía, e toda formada de negros. Ytu foi a primeira vila do planalto piratiningano que contou com uma banda de música organizada e regida por António Machado dos Passos e também constituída por gente de côr".

15. Mais próximamente, fizeram furor na terra melomaniaca a banda do maestro João Narciso, depois continuada, com o nome de "União dos Artistas", pelos maestros José Maria dos Passos e Atilio Belcufini; a do maestro José Vitório, "30 de Outubro", e a, bem efémera, do maestro Ezequias Nárdy, um dos meus padrinhos, habilíssimo compositor e executor em todos os instrumentos, devotando preferência à requinta.

Sucedem-se, em nossa história artística melódica, os grandes valores, muitos totalmente ignorados, formados "nas areias de Ytu", e que inegavelmente se alçaram a elevadas realizações tanto na composição como na execução.

Podem qualificar-se nessa categoria os nossos mestres-capela, que presidiram as célebres cerimônias da nossa Matriz, bem como os regentes das festividades de outras igrejas da "Roma Brasileira"

Cita-nos Nárdy Filho os nomes desses mestres desde os princípios do século XVIII: — António Machado dos Passos, Bartolomeu de Quadros, António Correia Meireles, Francisco Vaz Teixeira, havendo geralmente boa harmonia (confirmando a arte) entre os músicos conterrâneos, salvo quando entre eles se metia a detestável política partidária e anti-cristã, desgraça inexistente na época dos Reis portugueses, vivendo nós sob o Estado Orgânico, em intensíssima vida política municipal. Tal era o Estado do Brasil, província do Império Lusitano.

"Em épocas mais recentes, — conta-nos o nosso historiador — exerceram, sucessivamente, o cargo de mestre-capela da Matriz de Ytu o maestro Elias Lobo, seu cunhado Tristão Mariano da Costa e o seu sobrinho José Mariano da Costa Lobo. A estes, a seus ótimos conjuntos orquestrais, deve Ytu, em grande parte, o esplendor e pompa das suas grandes festas religiosas, que, para assistir a elas, vinham até famílias da Côrte.

"Conhecemos ainda como mestre-capela dessa Matriz João Narciso do Amaral, João Correia e José Vitório de Quadros. Este, não há muito falecido e, pelo seu carácter e honestidade, conquistou a estima dos ytuanos, tendo organizado a banda de música "30 de Outubro", que com rara tenacidade e trabalho, dirigiu-a e sustentou-a por mais de cinquenta anos", proclama num gesto de sincera justiça o nosso dedicado historiador, com o assenso reconhecido de todos os ytuanos, que de há muito ele-

varam o nosso Zé Vitório a instituição intocável da terra de Maniçoba.

* * *

16. Quantas mais coisas poderiam tomar o vosso tempo e aborrecer-vos, se fôra humano e cordato dar trelas à minha língua e tédio aos vossos corações generosos!

Em passando nós dos 50 anos de idade, já constituímos um memorial de variegadas recordações para horas de saudade.

Já se vos evidenciou que, entre as fidelidades ytuanas aqui mencionadas nunca se colocou como a menor a referente à música.

Prossigamos. Correspondendo nisso a outros amigos de infância, nasci em família altamente melômana. Lembram-me assim as divagações dos realejos pelas ruas da cidade, gratíssima atracção para a petizada que se amontoava em tórno do homem milagroso que "moía música" e não café nem pimenta do reino...

E... um dia — tremenda novidade! — um amigo da família, chamado Vítor, mensageiro inopinado de Euterpe, vitoriosamente aparecia em casa com um fonógrafo de discos cilíndricos, bisavô da vitrola. Deliciosa festa! Quis eu então possuir um, para tocar à vontade. O Vítor prometeu-me para logo. Estou esperando até hoje o meu fonógrafo. Mais tarde apareceu em casa um despertador musicado, "una bella invenzione!" diria um dos velhos italianos. Mas não despertava ninguém, ninava e fazia dormir mais. Desapareceu.

Afim de quebrar a uniformidade ytuana no amor à música, existiu um Dr. Leôncio, morador como eu no largo da Matriz, terrível melófobo. Não distinguia entre música, melodia, e barulho. Para êle tanto fazia bater lata como tocar órgão, violoncelo ou flauta. Nunca vim a conhecer outra pessoa sofredora de igual "doença".

17. Por pudor, NÃO REVELAREI A VEZ ÚNICA EM QUE YTU FOI INFIEL À SUA HISTÓRIA, A SI MESMO E À GRANDEZA DO SEU BRASIL E DA SUA VOCAÇÃO. QUALQUER INTELIGÊNCIA YTUANA ADIVINHA ISSO. Silêncio.

Arrastaram-se involuntária, implacável e incoercivelmente para as tormentosas lutas partidárias do novo regimen as bandas musicais, como todo o resto. As bandas pertenciam agora aos vários bandos políticos. Foi numa das infelizes conseqüências da nova política trágicamente imposta à nossa terra que o meu tio-bisavô, Joaquim Custódio de Almeida, pereceu baleado no largo da Matriz, hoje praça Padre Miguel, naquêle dia nefasto em que viera do seu sítio à cidade. Antes, houvera explosão ruidosa de

um dos saborosos dons de Deus, sempre idolatrado pelos filhos de Maniçoba: música.

Desfechou tudo dolorosamente em morte pelas ruas da urbe conflagrada. Morreu outrossim, entre outras vítimas da fuzilaria, um dos membros da família Martini.

18. Passando os meus para o largo da Matriz, nos baixos do sobrado dos Coimbras, ora desaparecido, defrontávamos o hotel do velho Josino Carneiro. Então, delícias nossas era ouvirmos muita e boa música e canto ao piano graças às irmãs Carneiro, Adelaide e Sinésia, e umas das irmãs Coimbra. O mesmo se daria tempos adiante, ao nos mudarmos para a rua do Comércio. Outros pianos "cantariam". Entre êles, o da família Toledo Galvão, novos vizinhos nossos. Cumpre, aliás, acentuar aqui o que notou alguém ao visitar Ytu há muitos anos: ouvira música pianística até em lugares pobres (dizia) e inesperados.

Com o advento dos primeiros cinemas, **Parque e Iris**, nasceram as orquestrinhas, com bem variados programas. Muitos lá iam mais pelas músicas que pelas fitas.

E as serenatas? E os instrumentistas de emergência? Teria sido assim em tôda parte? Teria sido mais alegre e mais feliz o Brasil do passado, o nosso glorioso Ytu do passado?

Onde andarás o Killiam (Quilim, como se conhecia vulgarmente) com a sua flauta mágica de bambu? Quase todo menino teve uma época de fabricar flauta de taquara. E de tocá-la mais ou menos perpetrando melodias corriqueiras. O Killiam, porém, filho de bom músico, operava maravilhas com a sua flautinha de taboca pintada.

E a melodia polifônica dos carros-de-bois enfeitados em desfilada pelas ruas centrais da cidade na grandiosa e grandemente significativa festa do Divino Espírito Santo, paládio da nossa História!

19. No Grupo Escolar Cesário Mota, aqui na rua da Palma em sua primeira fase, vivíamos em perpétua cantoria. Professôres havia monumentais no assunto. Os meus foram, sob a direcção segura e sábia do Prof. Raul Fonseca, grande homem, Dona Catarina, Glicério Barrios, Belmiro Martins, Gastão Machado. Ensinavam a cantar e cantavam com entusiasmo. O Prof. Blackman, mestre de desenho, tinha fama de cantor escolado. Mas as suas lições eram só de desenho. Nunca foram professoras minhas as célebres irmãs Lobo. A sua fama, aliás, não demanda encarecida pois está no domínio de tôda a gente ytuana.

Solos, duetos, trios, quartetos etc., de tudo nos sobrava. Uns quase permanentes, outros ocasionais. Chegámos a conhecer a brilhante orquestra do Colégio de São Luis de Gonzaga, dos jesuítas, em nosso tempo de estudante, sob a regência do celebrado maes-

tro Perfetti. Notável! Valorizava as lindas solenidades do famoso educandário nacional.

Antes, contudo, aparecera a nova maravilha eutérpica do século: o gramofone, aperfeiçoamento do fonógrafo de Edison. Funcionava com corda. O indiscutível campeão dos ditos em Ytu pertencia ao livreiro Engler. Comprou-o papai por 200\$000, preço enorme naquele tempo, com a colecção mais rica de discos possível na época, acrescida após das novas aquisições feitas na capital. Festa continua para nós e os freqüentadores do restaurante denominado "Pensão Familiar". Papai, em música, era muito caprichoso e preferia peças clássicas, música fina, grandes autores, sem menosprezo dos de menos tómo. Trazida por Alberto Gomes de volta de sua viagem a Portugal, ouviu-se pela primeira vez em nosso gramofone e na cidade "A Vassourinha", sucesso recentíssimo; igualmente o célebre "Rato-rato", trazido de São Paulo pelo professor Arquitríclínio Neves, freguês da casa. Ficou-me o nome, pelo achar mui rebarbativo. Caruso estava na ordem do dia. Patápio, o maior flautista brasileiro de todos os tempos (segundo diziam), fascinava. Havia, se me não engano, um célebre violinista Kubilick. As serenatas de Braga e de Schubert, a sinfonia do **Guarani** etc. todos estavam presentes em nossa discoteca.

Chegámos a ouvir pessoalmente Patápio, já conhecido nos discos, visto como esteve em Ytu para umas audições em nosso teatro São Domingos, hospedando-se em hotel próximo; assim, ouvi os seus recitais "na carona", mercê dos ensaios. Dispersou-se a discoteca ao rodarem os negócios do querido e saudoso pai. Certamente o gramofone padeceu a triste sina das máquinas desgastadas e superadas: um cantinho escuro de ferro-velho como o do velho italiano Nazário, para recordar no sono as vitórias passadas: **Sic transit gloria mundi.**

* * *

20. Devaneando pelos já longínquos dias da meninice, produzi há anos um poema talvez curioso para os conterrâneos meus. Se o conheceis, evitai o bocejo, honrando a nossa velha paciência:

REALEJOS D'OUTRORA

Fruteiras no quintal;
das flozeiras olores perfumosos;
pastarinhos cantando maviosos;
de crianças como eu o gorgeljo jovial,
inocentes e gárrulas brincando
em harmonioso bando;
sol, muito sol de tons maravilhosos

dando cambiantes sem igual ao céu
da minha ytuana terra
— paraísos de nuvens encantadas
como os reinos das fadas.

Quando se baixa o véu
do meu passado é isso que ãe encerra.
Galolas de aves gorgendo à sombra;
o alvinegro cão, meu caro "Lorde",
atento ao meu chamar, sempre concorde,
brincalhão a pular ou sonhando na alfombra
da relva do quintal;
galinhas, galos, pintos,
patos às vèxes, mariscando inquietos
pela extensão dos seus legais recintos;
nos varais, alvas roupas a secar
à lux do lindo sol, fogo do ytuano sol.

Dentro de casa, sempre cantadeira,
a minha gente,
sempre alegre o meu povo, o meu lar,
quer pelas manhãs soalheiras,
pelas tardes trabalhosas,
quer pelos serões quentes ao luar,
ou às noites trevosas.
Pai, mãe, vovó, minhas tias,
irmãos, tios... que alegrias!
E, na descuidança minha,
eu nem cuidava que as tinha.

Como em casa se bailava
danzando cada qual ao som do que cantava!
Especialmente as minhas tias
eram de dar inveja:
Benta brilhava num coral de igreja.
Brejeira, Isaura a todos encantava;
Teresa, essa primava nos manejos
das mudanças de tons.
Tide ensaiava a voz com seresteiros.
As vèxes até, aos sons
de quadrilhas e músicas antigas,
cantadas pelos próprios bailarins,
se improvisavam as funções amigas
de parentes e afins.

Depois (isto é o que importa)
quando os meus mestres realejos
passavam pela porta
a vender os seus líricos solfejos,
por um vintém
eu, garoto de quatro a cinco anos,
conseguia também
extasiado ouvi-los
soltando amenos trilos
em que aprendi a amar as árias lindas
de Carlos Gomes
e outros famosos nomes;

de Verdi, de Lehar, de Schubert, dos ciganos,
dêses mestres andejes
como os queridos, bons, progressistas realejos.

Oh! meus mestres realejos,
realizadores bons e camaradas
de grande soma de infantis desejos!
Foi por nós que cantei as serenatas
dos autores supremos;
por vós assobiei em pequenino
do Guarani e o Escravo o encanto peregrino,
Waldteufel e Chopin, Gounod e as outras gratas
melodias dos mestres
que eternamente o são e a quem sempre queremos
e fazem o praxer destas plagas terrestres.

Oh! meus mestres realejos,
caros ciganos andejes
— boas fadas dos meus desejos —
que passastes fazendo o bem
aos meus ouvidos que ainda agora adultos
— hoje que Euterpe cora dos insultos —
tanta saudade vosta e lembranças contêm!

Vós enchíeis a rua Santa Rita
da gloriosa riqueza estonteadora
da bagagem melódica bonita.
De acúsmata povoáveis minha vida
e os meus sonhos-meninos.
Ninguém talvez soubesse,
na calma terra das canções dos sinos,
o que aquela criancinha cismadora
via em vós, realejos
dos meus grandes desejos pequeninos.

Fruteiras no quintal;
de rosas e jasmíns olores perfumosos;
passarinhos cantando maviosos
nas árvores e nas gaiolas;
minha gente cantadeira,
melódica e jovial,
fértil em chistes e graçolas,
sempre cantando a trabalhar,
trabalhando a cantar.

Rua de Santa Rita, Ytu, a cidade natal.
Continuas alegrias;
realejos; melodias;
sonhos de crianças, gozos sem cuidado;
— passado!

* * *

21. Parece que esta palestra vai ficando mesmo hora da
saudade!

Teríeis todos vós e qualquer de vós estas e outras mais valiosas coisas para dizer, se em meu caso estivésseis no pelourinho.

Arrastou-me a esta tribuna gratíssima o desejo cordial de compartilhar do regozijo da minha Cidade, das suas exmas. Autoridades, Famílias, Professôres, Estudantes e Povo em geral, pelo jubileu do INSTITUTO DE EDUCAÇÃO REGENTE FEIJÓ (conquista de dinâmico representante da nossa terra) que ora mais se ilustra e engrandece com a fundação do seu CLUBE DE MÚSICA, cuja tarefa não explicitada consistirá por certo em procurar colectar (e quiçá publicar mais tarde) os originais perdidos ou escondidos de excelentes musicistas e compositores ytuanos, bem como recolher o que sobeja das músicas folclóricas paulatinamente sossobrantes no esquecimento imerecido de coisas inúteis.

Será um aspecto da "ytuana antiga fidelidade".

Este prédio, alicerçado em solo que foi assento da Câmara Municipal — instituição básica do Estado, **Garante da Nação** como diziam os nossos Maiores, porque realmente o era segundo as nossas Ordenações Filipinas (antes da Constituição liberal de 25 de março de 1824 e da liberticida de 24 de fevereiro de 1891) — este prédio, repito, até êle, aumenta as responsabilidades, por si gravíssimas, de quantos dirigem e freqüentam este Instituto (padrão da fidelidade ytuana à Cultura), de todos quantos a êle vêm e dêle saem coroados dos louros das vitórias acadêmicas.

* * *

22. Estudando o velho MUNICIPIO LUSITANO transportado para as genuínas instituições brasileiras (aquêlê mesmo Município que encheu de glória eterna a nossa Cidade em 1821-22), diz Max Fleiuss em sua "História Administrativa do Brasil":

"Sob êsse regime viveram, francamente autônomos, os nossos Municípios até ser promulgada a lei de 1 de outubro de 1828".

Era essa a velha liberdade ytuana que os nossos Antepassados defendiam com o regente Dom Pedro (depois Pedro I), contra as Côrtes perjuras que estavam traindo o Rei Dom João VI. Era ainda a virtude da Fidelidade a inspiradora da impávida atitude do comando político da velha Maniçoba.

Quem nestes áditos penetra ansioso da sabedoria que sublima, da virtude que liberta e da ciência que engrandece e, em seguida, dêles se aparta reconhecido Cavaleiro da Ciência, da Arte e do Ideal ao depois de vigílias ardentes e penosas amiude,

importa revestir-se do escudo glorioso e triunfal da velha Fidelidade avoenga, da destemida e não raro áspera e rude antiga Fidelidade Ytuana proclamada por dois Imperadores e confirmada pela Igreja, à qual tantos e tão ilustres levitas ela continua oferecendo.

Sejamos todos fiéis até a morte para virmos a cingir aquela coroa suprema que nos promete o Apocalipse.

Sêde fiéis até a morte, como filhos da Cidade Fidelíssima, único título que realmente, sublimemente nos honra.

E mostrareis que sois Ytuanos, herdeiros lídimos do carácter, da fibra e também da glória dos nossos Antepassados. (**).

(**) Conferência proferida no Instituto de Educação Regente Feijó da Fidelíssima Cidade de Ytu, no encerrar-se-lhe o jubileu e instituir-se o Clube de Música, aos 25 de outubro de 1957.

NOTA AO TÓPICO 13, pág. 9.

Nos conturbados dias de 1822, antes de separar-se o Brasil do Reino Unido, recebendo a valerosa Câmara ytuana o decreto do regente Dom Pedro sobre a convocação e eleição da Assembléa Constituinte (3 de junho), "convocou por editais aos cidadãos da vila e por officio as diferentes autoridades para, em vereação geral serem lidas aquelas preciosas peças, cujo preço o mesmo Brasil não paga", acorrendo "inúmero povo" a ella. Resolveu-se então agradecer ao Príncipe Regente a sua attitude serena e providências para "nos salvar da actual tempestade politica, conservando a INTEGRIDADE DA NAÇÃO", isto é — a unidade do Império Português. Ao mesmo tempo se confirmavam "os nossos vivíssimos protestos de amor, obediência e fidelidade e nossa indignação pelos factos da capital (da provincia) em desobediência às suas Augustas Ordens".

Leiamos os termos mesmos do officio dirigido a Sua Alteza pelo Povo Ytuano reunido em Vereação Geral ou Câmara Aberta, isto é com participação de toda a população adulta (coisa que nunca mais houve depois da fundação do Império... e da república):

"Sendo a fidelidade, obediência, amor e gratidão nos seus princípios o carácter distintivo da NAÇÃO PORTUGUESA E SENDO OS DESTA PROVINCIA TALVEZ NO MAIS SUBIDO GRAU, COMO ASSÍS O PROVA A SUA HISTÓRIA, AINDA EM SEUS TEMPOS OS MAIS INFANTIS (grifos nossos), quanto mais elevados não devem ser aquêlles sentimentos para com Vossa Alteza Real, que, pela força da sua sabedoria e patriotismo, tem lhe servido de baluarte inexpugnável para se não despenhar no abismo que lhe estava preparado?"

"A nação (entenda-se toda a Nação "Portuguesa" de todos os continentes a que se estendia) desconfiada entre si e ameaçando uma ruínosa separação; o Brasil dividido e retalhado; suas provincias não só desligadas de um necessário centro comum, como prechos de facções; o innocente amor da nova liberdade lutando com o modo do velho despotismo; o gênio da discórdia e anarquia espreitando e tentando os meios de estabelecer o seu trono; o dever e a virtude gemendo em silêncio e só confiando e consolando-se nos reconhecidos talentos de Vossa Alteza Real, — tal é o quadro anterior.

"Agora, Senhor, esiram por terra todos êsses monstros que nos ameaçavam; o espirito público já é unânime; o Brasil todo vai já sem dúvida formar o majestoso círculo de que Vossa Alteza Real é o centro, e a nação inteira vai conservar sua DESEJADA UNIDADE (grifos nossos), sem perder sua mótua independência, e o venturoso, o benéfico e sempre saudoso Rei, o Senhor D. João VI, PAI COMUM DE TODA A FAMILIA PORTUGUESA (grifos nossos), sentirá o doce prazer de ter um tal filho; e o mundo inteiro, estupefacto, admirará o novo herói, que ainda na verdura dos anos já escurece a glória de todos os maiores heróis". (Officio de 25-6-1822).

Assim SENTIAM e PENSAVAM, totalmente integrados nas instituições portuguezas, os povos todos do Brasil, de que os ytuanos eram exemplar modelo.

Como pôde ser tão deformada a nossa História do Brasil, transformando uma gloriosa realidade numa caricatura "colonial" explorada por todos os malandros de uma historiografia estranjerista, deprimente e torpe que nos reduz num releu amontoadado de gentinha submissa a um "jogo" inexistente? Talção, ignorância ou burrice!